



GRAMSCI e a Voz dos Subalternos

Rita Ciotta Neves¹

"Acreditamos ser o centro do universo e temos dificuldade em admitir que fora de nós, fora da nossa velha esfera continental, possam existir outros grandes movimentos de atividade humana (...)

Após a guerra europeia, não tardará a acontecer a guerra colonial."

Antonio Gramsci

" Há pouco tempo, a terra contava com dois biliões de habitantes, ou seja quinhentos milhões de homens e um bilião e meio de indígenas"

Jean-Paul Sartre

"O projecto dos Estudos Subalternos representa uma superação dos confins, uma espécie de contrabando descontrolado de ideias além fronteiras, uma provocação intelectual e, como sempre, política."

Edward Said

A ACTUALIDADE de Gramsci

O que torna, hoje, as palavras de Gramsci tão proféticas, as inflamadas acusações de Sartre tão actuais, a lúcida crítica de Said tão verídica? Vivemos num planeta profundamente globalizado, onde as fronteiras foram pulverizadas e os estados-nações sofrem uma lenta agonia. Agora os estados são percorridos por "fragmentos circulantes", por fluxos migratórios de seres humanos que se deslocam pelos continentes à procura de sobrevivência. Mas esta globalização não

¹ Rita Ciotta Neves, Directora da Licenciatura em "Tradução e Escrita Criativa" da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. Directora da Revista "Babilónia", Ed. Universitárias Lusófonas

terá acentuado ainda mais as desigualdades e a repressão dos "damnés de la terre", como os definia Franz Fanon?

A actualidade dos Estudos Subalternos é, infelizmente, a actualidade do subdesenvolvimento, da violência das guerras, da injustiça social que continuam a expandir-se pelo mundo. Tinham então razão os teóricos pós-modernos quando clamavam contra a ideia de "progresso linear" e de "fim da História", pelo menos daquela história que aprendemos nas escolas, escrita não pelos verdadeiros protagonistas, obscuros e anónimos, mas pela elite dominadora?

É neste âmbito de dúvidas e de questões em aberto que se situa o nosso breve trabalho, onde pretendemos delinear aquelas teorias de Gramsci que se referem aos conceitos de raça e colonialismo, de minorias, de exploração social, de seres humanos subalternos.

Gramsci, grande intelectual e personalidade política italiana, foi, como se sabe, vítima em primeira pessoa das lutas de classe e do domínio brutal do regime fascista de Mussolini, tendo passado a maior parte da sua vida adulta nos calabouços fascistas.

Nascido na Sardenha em 1891, no seio duma família de pequena burguesia, Gramsci consegue, apesar das enormes dificuldades económicas e da saúde sempre precária, concluir os estudos secundários e ir para Turim frequentar a universidade. É no ambiente moderno e fervilhante desta cidade já fortemente industrializada que o jovem Gramsci aprofunda a sua educação social e política, aproximando-se dos ambientes da esquerda marxista. Inscreve-se no Partido Socialista e alterna o seu empenhamento político com a profissão de jornalista. Escreve no "Avanti!", em "La città Futura" e em "Il Grido del Popolo", textos politicamente geniais e, ao mesmo tempo, duma grande beleza literária. O percurso socialista não é pacífico e levá-lo-á finalmente a uma cisão histórica, quando em 1921, se tornará um dos fundadores do Partido Comunista.

Em 1926, apesar da sua imunidade parlamentar, é preso pela polícia fascista e permanece encarcerado durante quase dez anos. Morre em 1937, dois dias depois da sua libertação.

Quando Gramsci foi preso, a polícia de Mussolini disse que "se devia proibir àquela cabeça de pensar", mas, com toda a evidência, não foi isso que aconteceu. Prisioneiro, gravemente doente, com os poucos livros que tinha à sua disposição, a mente de Gramsci continuou a trabalhar e produziu, nos longos anos

de isolamento, uma obra extraordinária: as "Lettere dal Carcere", um testemunho apaixonado e comovente dos seus problemas existenciais e familiares, e os "Quaderni del Carcere", uma colectânea de textos rigorosamente classificados e cujo estilo às vezes hermético e frio não diminui a sua grande importância teórica.

Os "Quaderni" são uma obra múltipla e fragmentária, comparada muitas vezes a uma teia rizomática que não tem um verdadeiro centro, mas que se espalha por numerosos focos de centralidade. Gramsci escreve de política, de ideologia, de cultura, de sentimentos...

AS TEORIAS de Gramsci

Na impossibilidade de analisar exaustivamente o enorme universo teórico do autor, tentaremos agora salientar as ideias que mais se relacionam com o conceito de subalterno.

Gramsci era um marxista de sólida formação intelectual, adquirida também na prática da sua vivência em Turim, junto da classe operária das grandes fábricas da FIAT. Mas um marxista lúcido e crítico, tanto que se tornou, já nas prisões fascistas, um "elemento incómodo" para o aparelho dos Partidos Comunistas de então, quer italiano, quer russo, o que provavelmente impediu uma sua libertação mais célere.

Ele lia e interpretava Marx com a inteligência de quem viveu na pele as greves e as lutas laborais da classe operária de Turim, mas também as suas derrotas, das quais precisamente tentava perceber as causas.

De grande lucidez e modernidade é, em primeiro lugar, a sua reflexão sobre o conceito de ideologia. Gramsci considera que as ideologias são transversais em relação às classes sociais e que na mesma classe podem conviver várias, algumas até contraditórias entre elas. Mas porque é que, pergunta Gramsci, há sempre uma ideologia dominante, que é a do grupo social que detém o poder? Por causa, diz ele, dum processo hegemónico que massifica e, aparentemente, pacifica os contrastes sociais. Mas não se chega a esta hegemonia unicamente através da coerção forçada, há outro mecanismo importante, que é o do consenso. É através dele que as massas são alienadas e assim pacificadas. A ideologia dominante, que se expressa na superestrutura cultural e política, criando assim a hegemonia, é por isso de extrema importância para chegar ao consenso social.

Outro ponto central é o discurso de Gramsci sobre a *Questione Meridionale*.

Na década de 30, Gramsci fala da Sardenha e do Mezzogiorno italiano como se falasse da Índia ou da América do Sul. O Mezzogiorno é, segundo ele, uma colônia e é a partir desta reflexão que começa o seu interesse pelos subalternos. Gramsci critica lucidamente a exploração dos camponeses nos latifúndios do sul da Itália e a ignorância generalizada da população, vistas como causas do subdesenvolvimento endêmico da região e da violência social que daí deriva. As palavras de Gramsci explicam, com uma lucidez impressionante, o porquê do nascimento da mafia e das criminalidades organizadas, que se implantarão mais tarde em toda a parte meridional da Itália e que hoje alastram com alarmantes ramificações em todo o território nacional.

Gramsci percebe que o problema meridional não é só um problema do sul, mas é nacional e que sem a sua resolução a Itália nunca será um grande país moderno. Já em 1916, em *Il Grido del Popolo*, ele escrevia:

O Mezzogiorno não precisa de leis e de tratamento especiais: precisa de uma política geral, externa e interna, que corresponda às necessidades gerais do País e não a tendências políticas ou regionais particulares

E mais tarde, em 1920, em *L'Ordine Nuovo*:

A burguesia setentrional subjugou a Itália meridional e as ilhas, reduzindo-as a colônias de exploração.

O Mezzogiorno, considerado como uma colônia, tem assim as mesmas características sociais e políticas dos territórios colonizados.

Mas o Mezzogiorno, acrescenta Gramsci, não é só subdesenvolvimento, também deu origem a personalidades extraordinárias de artistas e de intelectuais. Gramsci analisa a posição destas personalidades em relação ao poder e estuda a natureza do intelectual italiano. Chega à conclusão que existem dois tipos de intelectuais: o intelectual tradicional e o intelectual orgânico. O primeiro é "herdeiro do passado" e defende a cultura da velha formação social, ao passo que o orgânico é como "um funcionário da classe dominante" que tem a tarefa de "criar consenso" através da hegemonia do aparelho ideológico dominante, fazendo

assim aparecer este consenso como "natural e espontâneo".² Evidentemente, Gramsci preconizava um intelectual que servisse um governo democrático e progressista, mas, e é importante também salientar este aspecto, tal governo não deveria ser formado por uma única classe social, deveria, ao contrário, ser composto por um bloco social histórico que compreendesse forças de vários quadrantes sociais.

Fundamental, para a nossa óptica subalterna, é também a análise gramsciana sobre a estrutura e a superestrutura. Gramsci, como lembra Stuart Hall, luta contra a "abordagem reducionista", que faz depender a superestrutura ideológica e política unicamente da estrutura económica, num processo de subordinação mecânica que, segundo ele, é perigosamente abstracto e não realista. Assim, o economicismo não é a solução, o que interessa verdadeiramente é a correcta relação de forças que se vai criar entre a estrutura económica e a superestrutura ideológico-política. Aparece clara, neste caso, a crítica que Gramsci faz às interpretações redutoras das teorias de Marx e a um certo positivismo, muito comum nos marxistas seus contemporâneos.

Último aspecto importante consiste na visão que Gramsci tem da História. O processo histórico é visto, e aqui também constatamos a sua grande actualidade pós-moderna, como uma sucessiva deformação da realidade, um relato que faz ouvir a voz dos dominadores e não dos dominados. Um corpus compacto e aparentemente coerente, mas que deixa de fora o testemunho de todas as injustiças e sofrimentos causados a quem, como lembra Spivak, "não pode falar".

207

OS ESTUDOS Subalternos

Parece evidente, ao analisarmos as teorias gramscianas, a sua ligação lógica aos que se chamarão mais tarde, a partir dos anos 80, os Estudos Subalternos.

Enquadrados nos mais abrangentes Estudos Pós-coloniais (que, por sua vez, se enquadram nos ainda mais amplos Estudos Culturais), os Estudos Subalternos

² Salientamos mais uma vez a enorme modernidade de Gramsci: muito mais tarde, só por volta dos anos 60, a escola estruturalista francesa, sobretudo de Barthes, Foucault e Althusser, retomará este conceito de ideologia dominante e hegemónica.

surgem pelo trabalho de um grupo de historiadores e economistas de origem indiana, mas quase todos radicados no mundo ocidental, entre os quais se destacam Ranajit Guha, Gayatri Spivak e Homi Bhabha. O seu objectivo é, como lembra Sandro Mezzadra:

Rasgar a teia conceptual que a historiografia colonialista, a nacionalista e grande parte da marxista estendeu à volta da experiência colonial, para revelar a complexidade de domínio e resistência, de violência e insubordinação que constituíram, materialmente, a sua trama. (Mezzadra, 2002, p.10)

Como lembra Said, que com o seu "Orientalismo" abre o caminho à sensibilidade pós-colonial e subalterna, o trabalho de Guha parte da constatação que até aos anos 80 a história da Índia foi escrita dum ponto de vista colonialista e elitista, enquanto os verdadeiros protagonistas, as classes subalternas, ficaram sem expressão e sem voz. É urgente então, diz Guha, que se crie uma nova historiografia, baseada em teorias e metodologias de pesquisa diferentes. Os novos historiadores terão que procurar fontes e formas de narração originais, questionando assim as "verdades" do passado.

Esclarece ainda Said:

O trabalho dos investigadores dos Estudos Subalternos pode ser visto como a variante especificamente indiana das recentes tentativas, feitas no Ocidente e no resto do mundo, para articular as histórias, ignoradas ou suprimidas, de numerosos grupos marginais : as mulheres, as minorias, os grupos penalizados ou sem nenhuma poses, os refugiados, os exilados, etc... (Said, em Subaltern Studies, 2002, p.21)

208

GRAMSCI e os Subalternos

A aproximação a Gramsci passa, em primeiro lugar, pela própria palavra "subalterno", que aliás Gramsci utiliza sempre no plural. Aparece já nos textos de juventude, mas sobretudo nos Cadernos, nomeadamente no Caderno 25, com o título geral "Nos confins da História". É possível que Gramsci tenha utilizado a palavra como metáfora de "proletariado", para fugir à censura carcerária, mas segundo alguns historiadores, como Buttigieg, a intenção do teórico era mais ampla, querendo abranger não só a classe operária, mas todas as minorias e os marginais.

Gramsci escreve:

A história dos grupos sociais subalternos é necessariamente desagregada e episódica (...) Os grupos subalternos sofrem sempre a iniciativa dos grupos dominantes, também quando se rebelam e se insurgem: só a vitória "permanente" consegue quebrar, e não imediatamente, a subordinação. Na realidade, mesmo quando parecem triunfar, os grupos subalternos estão unicamente num estado de defesa e de alarme (...) Qualquer rasto de iniciativa autônoma da parte dos grupos subalternos deveria, por conseguinte, constituir um testemunho inestimável para um historiador integral.

Esta é, segundo Gramsci, a principal característica dos subalternos: a desagregação, quer pelas suas múltiplas identidades, quer pela falta de organização interna. A mesma, aliás, que tinha encontrado nos meridionais italianos. E a consequência é grave: os subalternos, desagregados e desorganizados, são politicamente impotentes e facilmente manipuláveis pelo poder dominante. Os subalternos têm reacções de "espontaneidade", que por si só não basta, mas deve ser orientada pelos intelectuais orgânicos e, em última instância, pelo partido, que Gramsci define como "o moderno Príncipe".

Partindo desta definição da expressão "subalterno" e da análise gramsciana, os teóricos dos Estudos Subalternos debruçam-se sobre a obra do teórico italiano, estudando-o segundo uma perspectiva racial e colonial.

Considerando os fundamentais estudos de Said e de Stuart Hall, os teóricos encontram um primeiro ponto de interesse no conceito gramsciano de hegemonia.

Guha quer distinguir a situação da metrópole, onde o governo domina normalmente utilizando coerção e consenso, da realidade dum país colonizado, que é governado através da mais brutal coerção. Outros estudiosos, como Ania Loomba, afirmam o contrário: que também num país colonizado o elemento do consenso é fundamental e utilizado como instrumento de dominação. Consenso que provém precisamente do trabalho hegemónico exercitado pelo poder e que demonstra claramente a importância da ideologia em todo o processo colonial.

O segundo ponto tem a ver com o conceito gramsciano de História, uma história que "não é verdadeira", mas manipulada pela classes sociais dominantes. Daí a necessidade de criar uma nova historiografia. Gramsci, nos Cadernos, dá o exemplo das lutas do Risorgimento, que nos finais do século XIX levaram à unificação italiana. Durante estas lutas, militares e diplomáticas, houve uma "total ausência de iniciativa popular", de tal forma que o Risorgimento é definido como "uma revolução sem revolução", ou (segundo a expressão do historiador Cuoco) uma "revolução passiva".

O terceiro ponto, retomado pelos estudiosos subalternos, refere-se à ideia de que a análise social e política não se deve basear unicamente em parâmetros temporais, mas também espaciais. Gramsci, de facto, introduz no seu discurso os conceitos de Norte e Sul, de Leste e Oeste e a partir daí analisa os dois modelos sociais, o industrial-desenvolvido do norte e o agrário-subdesenvolvido do sul.

Gramsci escreve:

A hegemonia do norte teria sido "normal" e historicamente benéfica se a industrialização tivesse tido a capacidade de ampliar com um certo ritmo os seus quadros, para que novas zonas económicas assimiladas ficassem sempre incorporadas. Seria esta hegemonia, assim, a expressão duma luta entre o velho e o novo, entre o avançado e o atrasado, entre o mais produtivo e o menos produtivo; haveria uma revolução económica de carácter nacional (e de amplitude nacional), embora o seu motor fosse temporariamente e funcionalmente regional (Neves, 2012, p.152)

CONCLUSÃO

Como é evidente, Gramsci situa-se dentro do paradigma teórico marxista, mas a sua modernidade e interesse, pensamos, reside em ter quebrado estes confins e em ter atingido, graças ao poder da sua cultura e inteligência, outras margens. Uma delas é precisamente a margem dos esquecidos, dos explorados, dos que não falam. Dos subalternos. E o interesse destes Estudos, parece-nos, é funcionarem, metaforicamente, como uma ponte entre o Oriente e o Ocidente, entre o terceiro e o primeiro mundo, desenvolvendo um discurso que, infelizmente, continua actual: o escândalo de o poder exercido com violência por uma parte dos seres humanos sobre outra parte. Em suma, o império e as suas colónias: uma dicotomia que continua.

210

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS citadas no texto

AAVV, Babilónia - A Identidade Pós-Colonial, Lisboa, Ed. Universitárias Lusófonas, 2010

AAVV, Subaltern Studies, Modernità e (post) colonialismo, Verona, Ombre Corte, 2002

FANON, Franz, Les damnés de la terre, Paris, La Decouverte, 2002

LIGUORI, Guido e VOZA, Pasquale, Dicionario Gramsciano, Roma, Carocci, 2009

LOOMBA, Ania, Colonialismo/Postcolonialismo, Roma, Meltemi, 2000

NEVES, Rita Ciotta, Gramsci, A Cultura e os Subalternos, (introdução e tradução), Lisboa,

Colibrí, 2012

SLOTERDIJK, Peter, Palácio de cristal, Lisboa, Relógio de Água, 2008

SMOUTS, Marie-Claude, La situation postcolonial, Paris, Sciences Po Les Presses, 2007

STUART HALL, Politiche del quotidiano, Milano, Il Saggiatore, 2006

